

Luís Catela Nunes

Luís Catela Nunes é doutorado em Economia pela University of Illinois at Urbana-Champaign (EUA). É Professor Catedrático na Nova School of Business and Economics (Nova SBE) e co-diretor científico do Centro de Economia da Educação da Nova SBE.

Coordenou o estudo A Voz dos Professores, promovido pela Fundação Semapa – Pedro Queiroz Pereira.



MENOS BUROCRACIA. MAIS TEMPO PARA ENSINAR. PODE A IA AJUDAR?

No final do ano letivo 2024/25, o inquérito nacional **A Voz dos Professores** perguntou aos docentes que consideravam prioritária a melhoria das condições de trabalho quais medidas concretas deviam ser implementadas. A resposta foi clara: **84% apontaram a redução da carga burocrática**.

Quando questionados sobre as tarefas administrativas que mais consomem tempo, os professores referiram a escrita de relatórios sobre alunos, justificações de faltas, resposta a emails e produção de relatórios internos (sobretudo nas escolas públicas).

Este não é um problema novo. Sindicatos e Governo têm promovido consultas sobre o tema. Mas o desafio continua a ser **transformar diagnóstico em ação**.

Pode a inteligência artificial fazer parte da solução?

A IA é muitas vezes apresentada como uma panaceia. Não acredito nessa visão. O desafio não é “usar IA”, **mas usá-la bem** — para libertar tempo dos professores de tarefas rotineiras e de baixo valor, como relatórios ou planificações, permitindo que se dediquem ao que realmente importa: ensinar e apoiar os alunos.

Aliás, muitos professores já utilizam a IA na preparação de aulas e materiais, nas avaliações e até no apoio personalizado de alunos.

Mas há riscos. Implementações mal desenhadas podem gerar novas sobrecargas para os professores — mais tempo para formações e para a supervisão do trabalho da própria IA.

E um dos atributos essenciais da IA é aprender para fazer melhor. Para isso, precisa de dados — muitos dados — o que pode significar, paradoxalmente, ainda mais trabalho para os professores.

A implicação é clara: o desenho e a implementação das soluções de IA têm de ser informados pela realidade das escolas. **No fim, a tecnologia só melhora a educação quando serve quem ensina — e, sobretudo, quem está a aprender: as crianças e os jovens.**